

MIÑO/MINHO 2
PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO PLURIANUAL DE
ARQUEOLOGIA SOBRE AS OCUPAÇÕES PLEISTOCÉNICAS
DA MARGEM ESQUERDA DO BAIXO MINHO

RELATÓRIO DOS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO
ARQUEOLÓGICA REALIZADOS EM 2017
- PEDREIRA 2 (MONÇÃO) E CARVALHAS (MELGAÇO) -

Lisboa/Porto

2019

0. Introdução

No âmbito do desenvolvimento do Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA) intitulado “As ocupações pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (*Miño/Minho*) – pretendeu-se no primeiro ano da sua execução – 2016 – centrar a atenção no troço da margem esquerda do rio Minho que se estende ao longo dos concelhos de Melgaço e de Monção, correspondente ao sector mais a montante do chamado Baixo Minho.

Neste sentido, procedeu-se à escavação dos sítios de Pedreira 1 (Monção), identificado anteriormente por Manuel Ledo, Pedreira 2 (Monção), identificado em 2016 no decurso da escavação do sítio de Pedreira 1, e Carvalhas (Melgaço), identificado em 2014 no âmbito de trabalhos de prospeção realizados na área envolvente das Termas de Melgaço, onde Abel Viana havia já assinalado, na primeira metade do século XX, a presença de materiais líticos talhados (*vide* Relatório de Escavação Arqueológica relativo a 2016).

1. O sítio de Pedreira 2

Em função dos resultados promissores obtidos em Pedreira 2 (Figs. 1 e 2) em 2016, pretendeu-se, em 2017, dar continuidade aos trabalhos aí realizados.

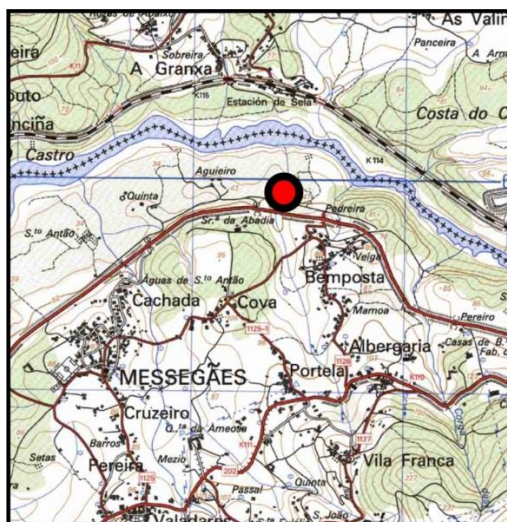


Figura 1 – Localização da jazida de Pedreira 2 em extrato da *Carta Militar de Portugal* na escala 1:25000, folha 3, Monção. Distrito de Viana do Castelo, Concelho de Monção, União das Freguesias de Messegães, Valadares e Sá.



Figura 2 – Localização georeferenciada da jazida de Pedreira 2 (círculo laranja) em ortofoto extraída do programa Google Earth, com levantamento topográfico parcial. Coordenadas geográficas do ponto central da estação: 42° 05'13,01" N 8° 21'11,36" W

1.1. Calendarização dos trabalhos

Os trabalhos decorreram entre 5 e 30 de Junho de 2017.

1.2. Apoios

A concretização dos trabalhos só foi possível dado o inextinguível apoio do Município de Monção. Nesse sentido, justo é agradecer o empenho do respetivo Presidente da Câmara Municipal e do Senhor Vereador Paulo Esteves, sem naturalmente esquecer a continuada atenção com que o desenvolvimento da campanha e a sua preparação foi sempre acompanhada pela Dra. Odete Barra, Arqueóloga da Câmara Municipal de Monção, que se revelou imprescindível pela colaboração que sempre deu à equipa.

Uma palavra de apreço especial deve também ser dada ao então Senhor Presidente da União de Freguesias de Messegães, Valadares e Sá, Sr. Carlos Eça Dias, que tudo procurou fazer também para que a equipa se sentisse em casa e os trabalhos tivessem o indispensável suporte local.

1.3. Equipas

A equipa foi coordenada em permanência pela maioria dos investigadores associados ao projeto de investigação: João Pedro Cunha Ribeiro (U. Lisboa), Sérgio Monteiro Rodrigues (U. Porto), Eduardo Méndez-Quintas (CENIEH), José Meireles Batista (U. Minho) e Alberto Gomes (U. Porto). Manuel Santonja e Alfredo Pérez-González, ambos do CENIEH, não puderam estar presentes por se encontrarem a desenvolver trabalho de investigação em África.

Os restantes participantes foram estudantes do 1º e do 2º ciclo de estudos de Arqueologia das universidades de Lisboa e do Porto, num total de 11 elementos. Foram eles: Luis Alexandre Varanda (2º ciclo, FLUL), Luís Gomes (2º ciclo, FLUL), Artur Queirós Mateus (1º ciclo, FLUL), Diogo Varandas (1º ciclo, FLUL), Frederico Agosto (1º ciclo, FLUL), Maria Lima (1º ciclo, FLUL), Vanessa Silva (1º ciclo, FLUL), Ana Sofia Santos (1º ciclo, FLUL), Andreia Rodrigues (1º ciclo, FLUL), Alice Baeta (1º ciclo, FLUP) e José Silva (1º ciclo, FLUP).

1.4. Síntese dos trabalhos realizados em 2016

A identificação, em 2016, de artefactos líticos talhados num talude que resultou da abertura de um caminho de terra batida que dá acesso a propriedades agrícolas e ao próprio rio Minho, despoletou acções que visaram a limpeza e verticalização desse mesmo talude. Observou-se, então, a existência de dois paleocanais colmatados por sedimentos grosseiros (depósitos coluvionares canalizados), com os quais os artefactos líticos pareciam relacionar-se, embutidos em sedimentos arenosos finos de origem fluvial (Fig. 3).

Uma vez que os paleocanais pareciam estar orientados aproximadamente segundo o eixo N-S, decidiu-se pela abertura de uma sondagem de diagnóstico na plataforma superior do talude (sondagem 1, *vide* o Relatório de Escavação Arqueológica relativo a

2016) (Fig. 3) com o objectivo de detectar o desenvolvimento dos paleocanais para S. Os resultados desta sondagem, apenas parcialmente escavada em 2016, foram positivos, tendo-se recolhido um número significativo de artefactos líticos talhados. Todavia, não foi possível detectar os paleocanais (*Vide* o Relatório de Escavação Arqueológica relativo a 2016).

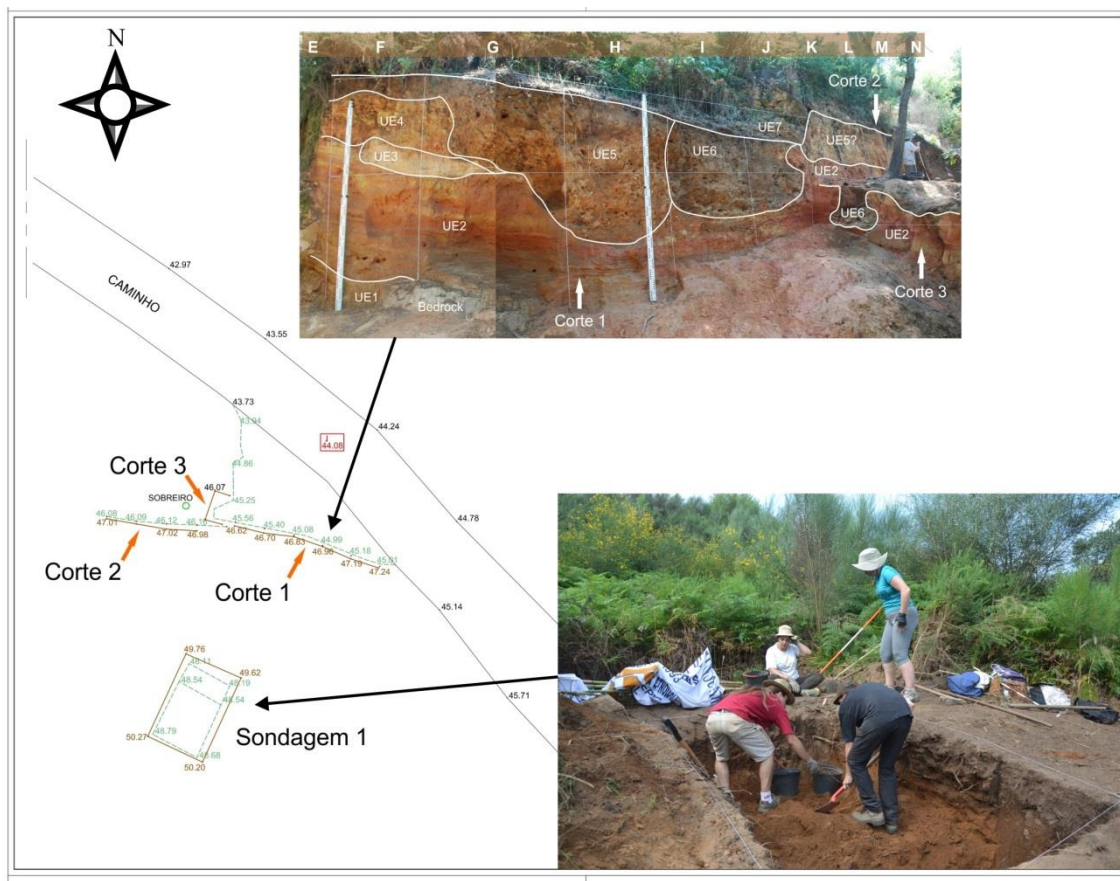


Figura 3 – Foto superior: talude que ladeia caminho de terra batida identificado e verificado em 2016. Observe-se a representação dos paleocanais onde se recolheram alguns dos artefactos líticos talhados. Foto inferior: abertura da sondagem 1 na plataforma que se desenvolve na parte superior do talude. À esquerda: levantamento topográfico do talude e implantação da sondagem 1.

1.5. Trabalhos de 2017

Face aos resultados obtidos na campanha de escavação de 2016, estabeleceu-se que os trabalhos de 2017 iriam então centrar-se na plataforma sobranceira ao talude, visando três principais objectivos:

1. Procurar identificar o eixo dos paleocanais para S;
2. Determinar o real contexto estratigráfico dos artefactos líticos talhados;
3. Procurar aumentar a colecção de artefactos.

Assim, e após a colocação de estacas georeferenciadas no terreno (trabalho realizado por topografa da Câmara Municipal de Monção), procedeu-se a acções de desmatização com recurso a meios mecânicos. Tais meios foram também usados para a remoção de um depósito superficial silto-arenoso (UEs 1, 2 e 3 – *vide infra*), bastante espesso, estéril do ponto de vista arqueológico (Fig. 4).



Figura 4 – Retroescavadora utilizada na desmatização e na remoção de um depósito superficial arqueologicamente estéril.

A partir das estacas georeferenciadas implantaram-se as diversas sondagens, na sua maioria com 2 m², acabando algumas delas por ficar ligadas entre si no decurso dos trabalhos. A sondagem 1, abrangida pelas quadrículas L13, L14, M13 e M14, manteve a área de escavação de 2016, ou seja, 4 m² (Figs. 5, 6 e 7).

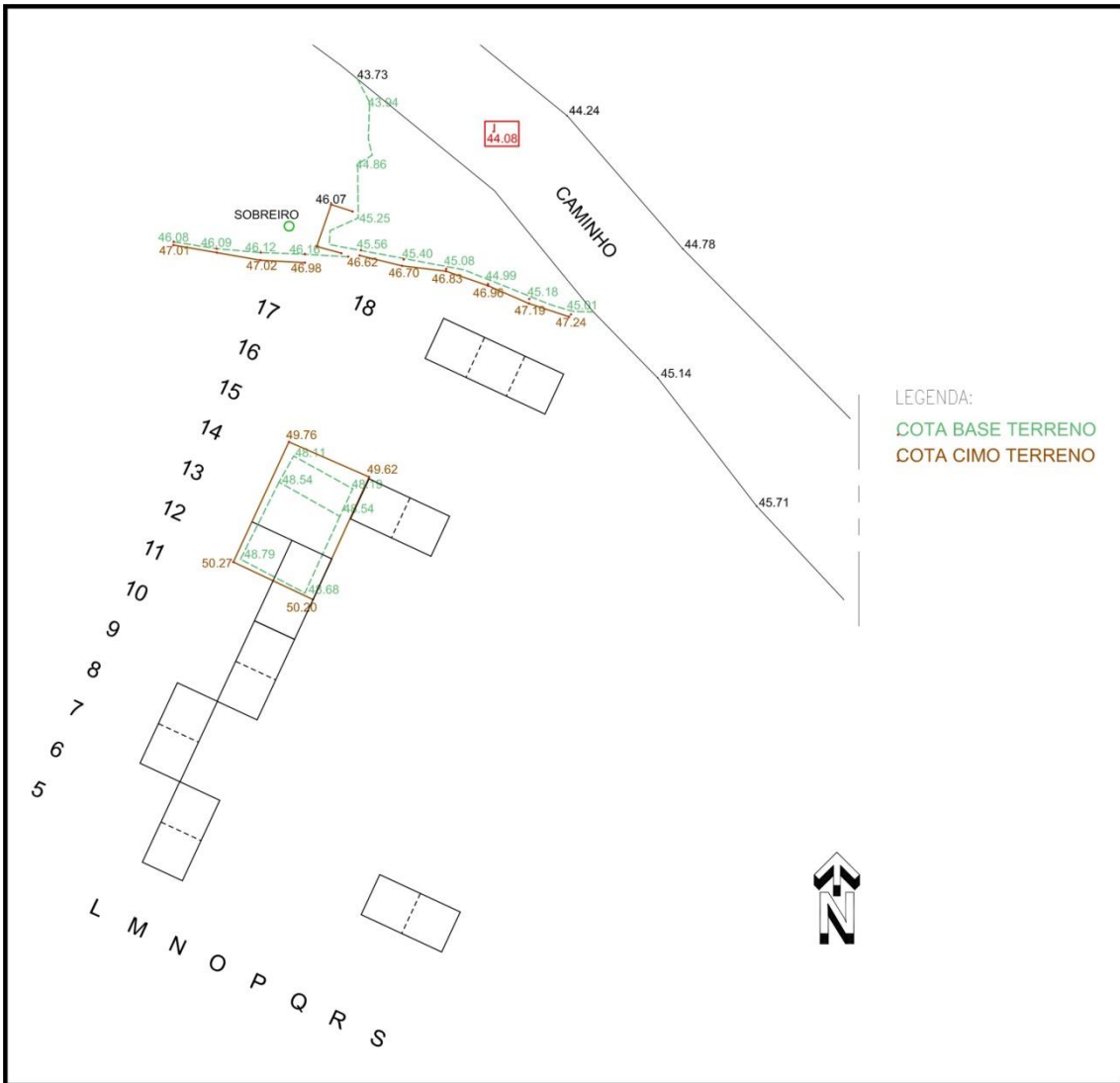


Figura 5 – Implantação das quadrículas na área de escavação.



Figura 6 – Sondagens do sector sul da área escavada.



Figura 7 – Sondagens do sector norte da área escavada. À direita, a sondagem 1.

A implantação das quadrículas N18, O18 e P18 praticamente junto ao rebordo do talude (Figs. 5 e 8) resultou da necessidade de se tentar identificar a continuidade para S dos já mencionados paleocanais, uma vez que eles não estavam a ser detetados nas outras sondagens.



Figura 8 – Em cima: posição das quadrículas N18, O18 e P18 relativamente ao rebordo do talude. A sua implantação procurou seguir a direção dos paleocanais (assinalados a traço branco). Em baixo: escavação das referidas quadrículas. Observe-se o depósito coluvionar ao qual se associam os artefactos líticos talhados (assinalado a tracejado) (*vide* também Fig. 11).

Em termos metodológicos, a escavação foi feita por níveis artificiais, inicialmente de 5 cm e, posteriormente, de 10 cm. A posição dos artefactos foi registada através de coordenadas cartesianas, segundo os eixos de X (W-E), Y (S-N) e Z (relativo ao ponto zero da estação). Para outros registos recorreu-se ao desenho, à fotografia e, naturalmente, ao caderno de campo.

Por questões de ordem prática, decidiu-se não escavar as sondagens até ao substrato granítico. Os dados obtidos em 2016, nomeadamente os decorrentes da análise estratigráfica dos depósitos visíveis no talude do caminho, permitiram constatar que o depósito fluvial fino que se encontra sob o depósito coluvionar (*vide infra*) não só é extremamente possante (terá de ser sondado futuramente com recurso a meios mecânicos), como é estéril do ponto de vista arqueológico. Deu-se, portanto, por terminada a escavação de cada sondagem assim que se atingiram as areias do referido depósito fluvial.

1.6. Resultados

De um modo geral, pode dizer-se que os resultados desta escavação ficaram muito aquém das expectativas iniciais. Desde logo, verificou-se a inexistência de material arqueológico na maior parte da área escavada, aparecendo unicamente artefactos talhados na área da sondagem 1 (quadrículas L13, L14, M13 e M14) e das quarículas N18, O18 e P18. Por outro lado, constatou-se que os paleocanais não se desenvolviam para S. Provavelmente, o que se observa no talude é apenas uma porção vestigial destes canais, que terão sido destruídos aquando da abertura do caminho de terra batida.

A isto pode acrescentar-se a forte precipitação que se fez sentir durante vários dias, tornando bastante difícil a realização dos trabalhos.

Todavia, na área da sondagem 1 e das das quarículas N18, O18 e P18 foi possível identificar o depósito com o qual se relacionam os artefactos líticos talhados devido à preservação de uma sequência estratigráfica bastante possante (sobretudo na área da sondagem 1) (Figs. 5 e 9).

1.7. Estratigrafia local

A sequência estratigráfica de referência para o sítio de Pedreira 2 foi a observada no talude que ladeia o caminho de terra batida (Fig. 3) e a da sondagem 1 (quadrículas L13, L14, M13 e M14). A primeira foi já descrita no Relatório de Escavação Arqueológica relativo a 2016, pelo que se passará a descrever apenas a sequência da sondagem 1 (Fig. 9). Apresentam-se também algumas fotos relativas a outras sondagens onde é possível observar detalhes das unidades estratigráficas reconhecidas quer na sondagem 1, quer no talude do caminho (Figs. 10 e 11).

UE 1 – Corresponde ao solo actual, de cor negra, muito rico em matéria orgânica (raízes e folhas). Apresenta matriz arenosa grosseira mal calibrada, e raros clastos de pequenas dimensões.

UE 2 – Unidade areno-siltosa, maciça, de cor castanha clara a bege, pouco consolidada. A areia, mal calibrada e com grãos muito angulosos, é constituída essencialmente por quartzo, feldspato e mica. A UE 2 corresponde à parte superior da UE 3 afectada por bioturbação e por processos pedogenéticos recentes, pelo que existe continuidade sedimentar entre estas duas unidades.

UE 3 – Unidade areno-siltosa, maciça, de cor castanha avermelhada, muito rica em silte e areia muito fina. Apresenta-se bem consolidada e evidencia sinais pontuais de bioturbação. A título de hipótese, considera-se que na génese desta unidade estratigráfica poderão estar processos eólicos. A transição para a UE 4 é erosiva.

UE 4 – Unidade constituída por matriz areno-siltosa, compacta, de cor castanha-avermelhada, que embala clastos muito heterométricos de diferentes litologias (pequenos seixos rolados de quartzito, fragmentos angulosos de quartzo e algum granito) sem qualquer organização sedimentar. Esta unidade, que corresponde a uma coluvião, apresenta inclinação para N, mostrando claramente a direcção do fluxo coluvionar. A matriz areno-siltosa terá sido retomada da UE 5. A origem dos pequenos seixos rolados não foi ainda determinada, mas serão com certeza provenientes de um depósito fluvial localizado mais a S e a uma cota mais elevada. O contacto entre a UE 4 e a UE 5 é erosivo. A indústria lítica talhada surge em toda a espessura da UE 4.

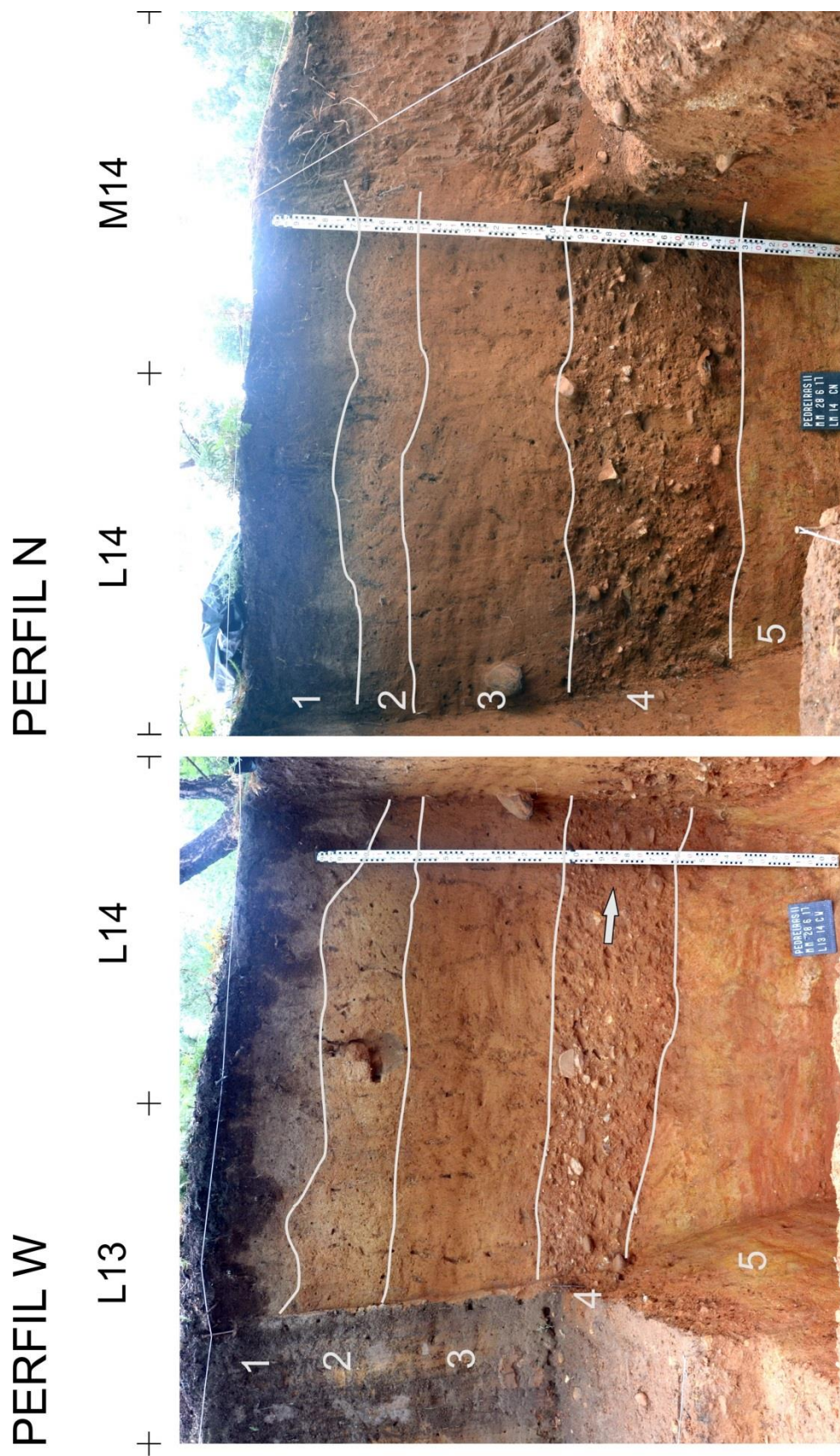


Figura 9 – Sequência estratigráfica observada na área da sondagem 1.

UE 5 – Unidade essencialmente arenosa, com algum silte, maciça, ligeiramente concrecionada. Apresenta estratificação horizontal, observando-se alternância de lenticulas mais ou menos siltosas, com cores que variam entre o amarelado e o avermelhado. Corresponde a depósito de origem fluvial, possivelmente ligado a fases de inundação, representando a fácies superior (a fácies inferior é visível no talude do caminho – *vide* o Relatório de Escavação Arqueológica relativo a 2016). Esta UE é arqueologicamente estéril.



Figura 10 – Quadrículas L7 e L8. Observe-se a UE 4 (coluvião) a ravinar a UE 5 (depósito fluvial fino).



Figura 11 – Quadrículas M10 e M9. Observe-se a UE 4 (coluvião) a ravinar a UE 5 (depósito fluvial fino).

1.8. Indústria lítica

Os resultados obtidos em 2016 permitiram registar a presença de uma indústria lítica composta por um número significativo de produtos configurados (> 200) característicos das indústrias acheulenses (bifaces e machados de mão), produzidos quase exclusivamente a partir de seixos rolados de quartzito.

Em 2017, o número de artefactos terá sido menos expressivo (andarà na ordem da centena de exemplares – a sua contabilização detalhada não foi ainda realizada uma vez que os artefactos se encontram em fase de inventariação/descrição), não tendo, todavia, surgido peças de diagnóstico tal como sucedeu em 2016. Em todo o caso, o contexto sedimentar dos artefactos exumados em 2017 permite a sua articulação com os identificados no ano anterior.

As condições de jazida das peças, associadas a fluxos coluvionares de baixa energia (Fig. 12), juntamente com a relativa integridade física das suas arestas, em geral muito pouco boleadas ou sem qualquer boleamento, indiciam a possibilidade de elas provirem de uma área próxima do local intervencionado, ao que tudo indica mais para

S. No entanto, os trabalhos realizados até ao momento não permitiram ainda determinar com precisão essa área.



Figura 12 – Duas lascas com arestas vivas na UE 4 (depósito coluvionar), quadrícula P18.
(Vide também Fig. 7).

Em suma, o valor dos achados realizados em Pedreira 2 expressa-se no imediato pela identificação de uma primeira jazida arqueológica acheulense na margem esquerda do Baixo Minho, na área do Concelho de Monção, onde até agora se conheciam apenas achados isolados, permitindo ao mesmo tempo recuar a chegada dos primeiros Homens a este território para lá de 200.000 anos.

2. O sítio de Carvalhas

Como se referiu anteriormante, a jazida de Carvalhas, nas proximidades do lugar da Veiga, União de Freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, foi identificada em 2014, no decurso do reconhecimento arqueológico da área (Figs. 13 e 14).

Em 2016 foram realizadas sondagens nos denominados *loci* 1, 2 e 3 (Fig. 15) (*vide* Relatório de Escavação Arqueológica relativo ao ano de 2016). No ano a que este relatório diz respeito – 2017 – procedeu-se ao alargamento da sondagem 4 do *locus* 1 e à abertura de uma sondagem no *locus* 4, com o objectivo de avaliar o seu real potencial arqueológico. Efectivamente, foram encontrados por diversas vezes artefactos líticos quer na superfície dos depósitos deste *locus*, quer num pequeno corte que ladeia um caminho que os secciona.

O alargamento da sondagem 4 do *locus* 1 decorreu da importante concentração de artefactos líticos que aquela revelou durante a intervenção do ano anterior, ao que tudo indica praticamente em posição primária, e com a presença de sedimentos arenosos finos susceptíveis de serem submetidos a técnicas de datação absoluta (nomeadamente a OSL).

Muito embora tivéssemos planeado também alargar as áreas intervencionadas nos *loci* 2 e 3 (Fig. 15) – onde, em 2016, se procedeu à abertura de sondagens manuais e de uma vala com recurso a meios mecânicos – diversos constrangimentos impediram tais acções.

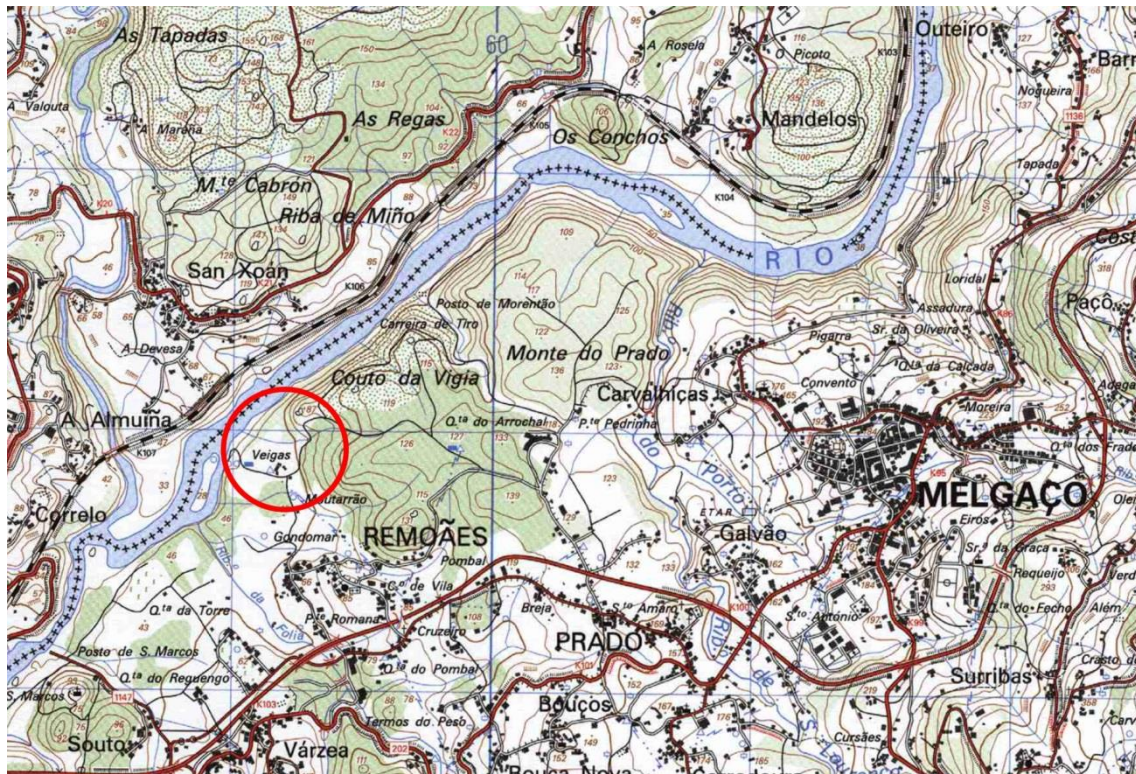


Figura 13 – Localização da jazida das Carvalhas em extrato da *Carta Militar de Portugal na escala 1:25000*, folha 1, Melgaço. Distrito de Viana do Castelo, concelho de Melgaço, União das Freguesias de Prado e Remoães.

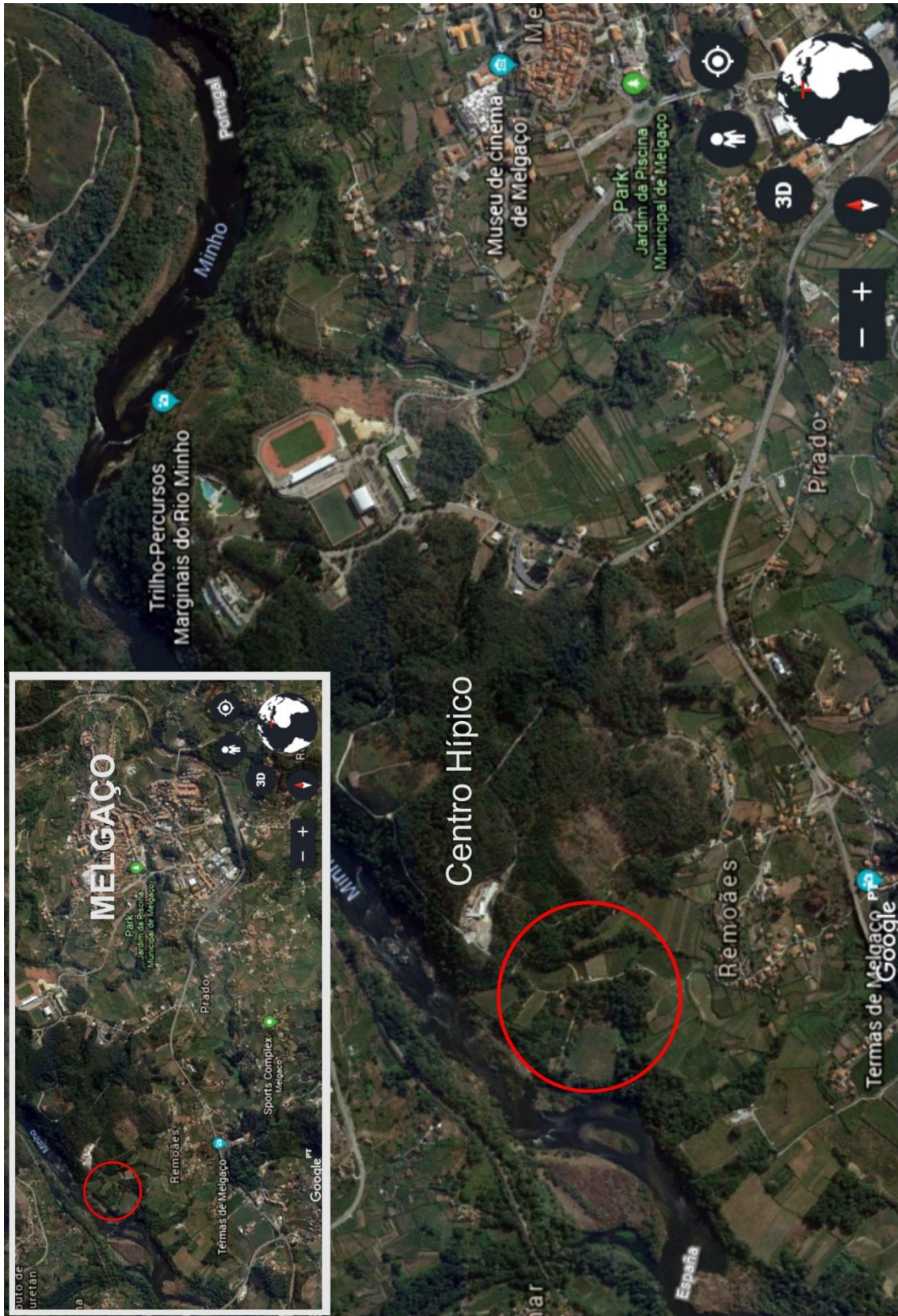


Figura 14 – Localização georeferenciada da jazida das Carvalhas em ortofoto (círculo vermelho) extraída do programa Google Earth. Coordenadas geográficas do ponto central da estação: 42° 06'52,55" N 8° 17'09,21" W

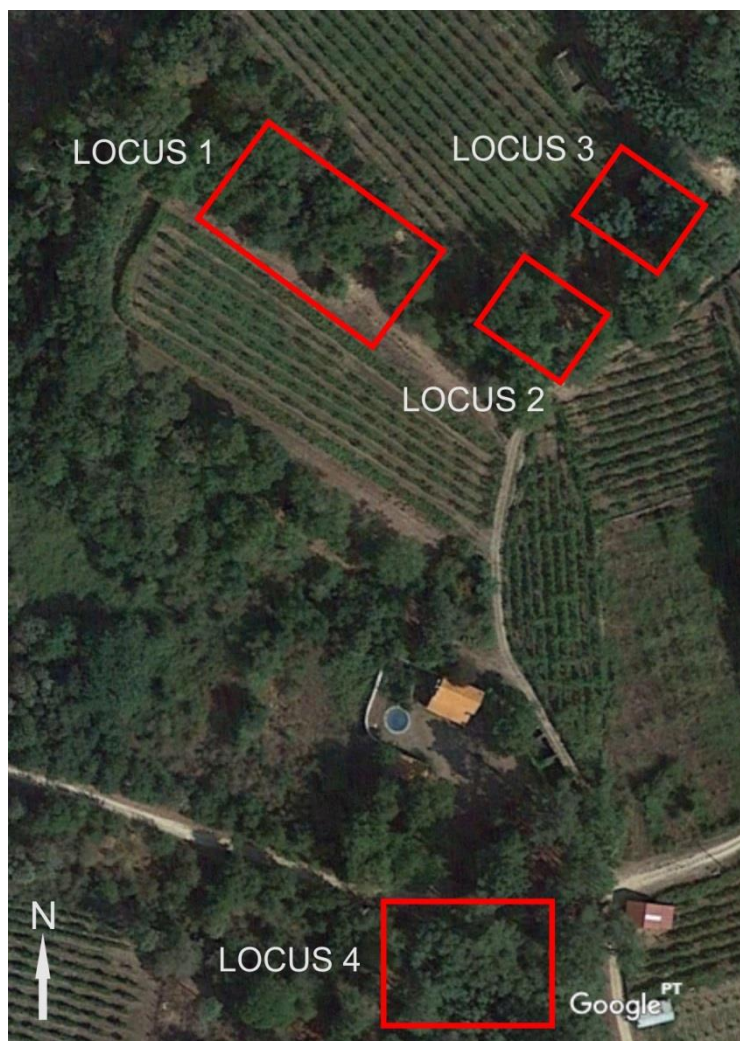


Figura 15 – Posição relativa dos *loci* 1, 2, 3 e 4 na jazida das Carvalhas (Remoães, Melgaço).

2.1. Calendarização dos trabalhos

Os trabalhos decorreram entre 3 e 21 de Julho de 2017.

2.2. Apoios

A concretização dos trabalhos só foi possível dado o inextinguível apoio do Município de Melgaço. Nesse sentido, justo é agradecer o empenho do respetivo Presidente da Câmara Municipal, Manoel Batista Calçada Pombal, e do Dr. Abel Marques, técnico de turismo do mesmo município. O agradecimento estende-se também ao Professor

Maximiano Gonçalves, Presidente da União de Freguesias de Prado e Remoães, que em muito apoiou os trabalhos desenvolvidos, dando-lhes o indispensável suporte local.

2.3. Equipa

A equipa foi coordenada em permanência pela maioria dos investigadores associados ao projeto de investigação: Sérgio Monteiro Rodrigues (U. Porto), João Pedro Cunha Ribeiro (U. Lisboa), Eduardo Méndez-Quintas (CENIEH), José Meireles Batista (U. Minho) e Alberto Gomes (U. Porto). Manuel Santonja e Alfredo Pérez-González, ambos do CENIEH, não puderam estar presentes por se encontrarem, como referido, a desenvolver escavações em África.

Os restantes participantes foram estudantes do 1º, do 2º e do 3º ciclos de estudos de Arqueologia das universidades de Lisboa, Porto e Minho, num total de 11 elementos. Foram eles: Pedro Xavier (3º ciclo, UM), Luís Gomes (2º ciclo, FLUL), Carlos Ferreira, Maria Melo, Cristiana Clara, Mafalda Glória, Rafael Boavida, Francisca Pereira, Joana Serrano, André Santana (1º ciclo, FLUL) e Ana Salgado (1º ciclo, FLUP).

2.4. Síntese dos trabalhos realizados em 2016

A jazida das Carvalhas foi identificada em 2014, no decurso do reconhecimento arqueológico da área envolvente das Termas de Melgaço, onde Abel Viana, ainda na primeira metade do século XX, havia assinalado a presença de materiais líticos talhados, que associou ao Paleolítico.

Nas Carvalhas, a identificação de materiais similares na superfície de alguns terrenos e em acumulações de seixos que servem para delimitar propriedades corroboraram também as observações feitas por colegas espanhóis que, em 2010, visitaram o local durante trabalhos de surriba numa das vinhas da área.

Logo em 2014 confirmou-se associação dos materiais líticos a terraços fluviais do rio Minho, o que motivou a realização dos trabalhos geoarqueológicos subsequentes.

Assim, em 2016, com o objectivo de avaliar o potencial da jazida, realizaram-se:

- a) Sondagens no *locus* 1
- b) Sondagens no *locus* 2
- c) Sondagens no *locus* 3
- d) Ligação dos *loci* 2 e 3 por vala mecânica (Fig. 15).

Tais acções mostraram que as áreas de maior potencial arqueológico e geoarqueológico são os *loci* 2 e 3 e a área da sondagem 4 do *locus* 1.

Na sondagem 4 foram escavados 8 m² que puseram a descoberto um depósito constituído por areias finas, relativamente concrecionadas, com cores que variam entre o amarelado e o avermelhado, que embalam pequenos seixos rolados de quartzito e material lítico talhado, praticamente sem vestígios de rolamento. Com uma espessura que não ultrapassa os 50 cm, este depósito, de origem fluvial, assenta no substrato granítico muito alterado (*vide infra*).

Enquanto que o material lítico talhado identificado nos *loci* 2 e 3 se relaciona inequivocamente com o tecno-complexo Acheulense, o exumado na sondagem 4 poderá remeter para um outro contexto cronológico-cultural, aparentemente mais recente, todavia no âmbito Paleolítico inferior (médio?)/ Plistocénico médio final (?).

(Para mais detalhes *vide* Relatório de Escavação Arqueológica relativo a 2016)

2.5. Trabalhos de 2017

Face aos resultados obtidos em 2016 na sondagem 4 do *locus* 1, optou-se pelo seu alargamento em 2017 (Figs. 16, 17 e 18), com o objectivo de:

- a) Confirmar a posição estratigráfica do material arqueológico;
- b) Tentar encontrar uma área com maior potência estratigráfica por forma a poder datar-se o depósito com recurso à técnica da OSL;
- c) Procurar aumentar a amostragem do material lítico talhado para melhor aferir as suas características tecno-tipológicas.

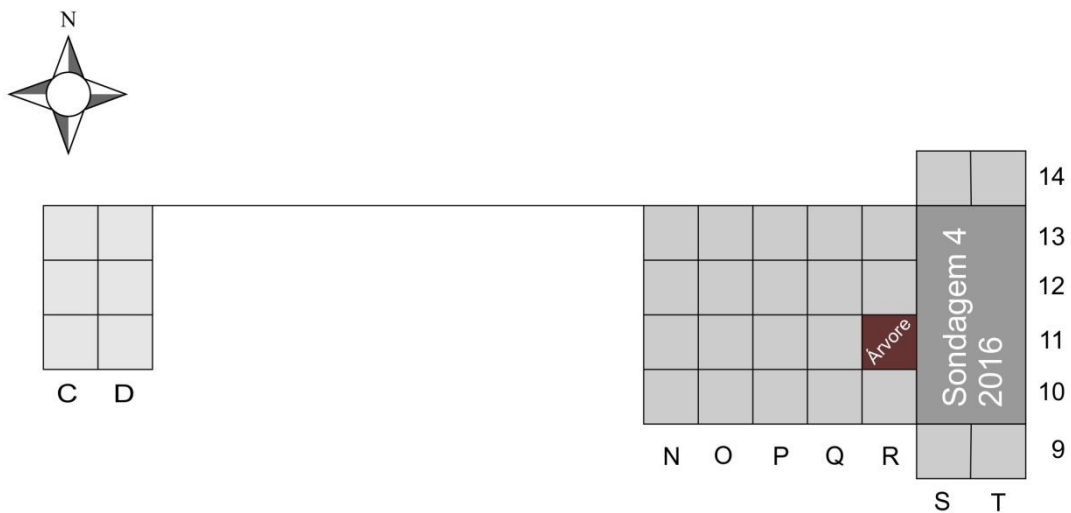


Figura 16 – Alargamento da sondagem 4 do locus 1. A quadrícula com a indicação árvore não foi escavada.



Figura 17 – Implantação da área de escavação no locus 1 (delimitada pelo elástico branco), anexa à sondagem 4 (ao fundo).



Figura 18 – Área de escavação do extremo Oeste (quadrículas CD-11, CD-12 e CD-13).

Do ponto de vista metodológico, a escavação foi feita por níveis artificiais, inicialmente de 5 cm e, posteriormente, de 10 cm. Nas áreas com perturbação da estratigrafia utilizaram-se ferramentas mais pesadas, como a enxada, a picareta e a pá.

A posição dos artefactos foi registada através de coordenadas cartesianas – segundo os eixos de X, Y e Z, aferindo-se X no sentido W-E, Y no sentido S-N e Z relativamente ao ponto zero da estação. Para outros registos recorreu-se ao desenho, à fotografia e ao caderno de campo.

O substrato granítico foi alçado na totalidade da área escavada.

No *locus* 4, junto à Quinta da Veiga, foi também aberta uma sondagem de 6 m², sendo que apenas 4 m² foram alvo de escavação (parcial) (Figs. 19 e 20). Como acima se referiu, o objectivo desta sondagem foi avaliar o potencial arqueológico deste sector, uma vez que haviam sido identificados anteriormente (2015 e 2016) artefactos líticos talhados, quer na superfície dos depósitos da área, quer num pequeno corte que ladeia um caminho de terra batida que permite o acesso à Quinta da Veiga e que conduz ao rio Minho (Fig. 20).

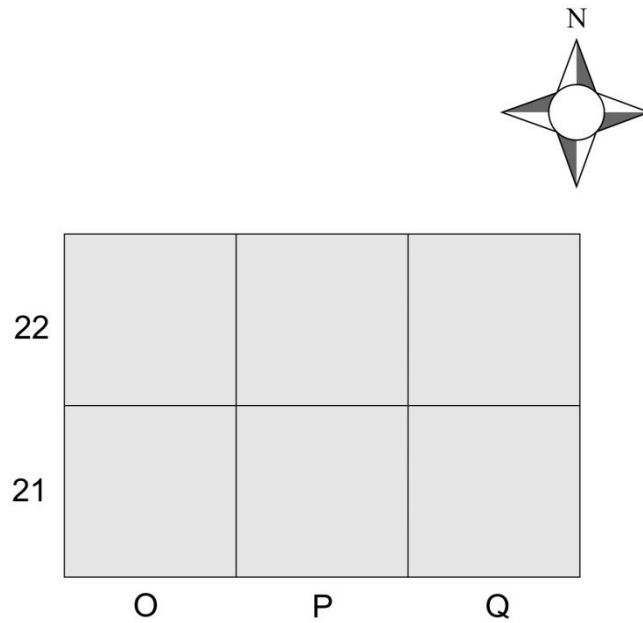


Figura 19 – Sondagem do *locus* 4 (Quinta da Veiga). As quadrículas O21 e O22 foram apenas escavadas superficialmente; nas restantes não se atingiu o *bedrock* devido à grande espessura da cobertura sedimentar e ao seu acentuado concrecionamento.



Figura 20 – Sondagem do *locus* 4 (Quinta da Veiga). Observe-se o pequeno corte junto ao caminho onde se identificaram, em 2015 e 2016, alguns artefactos líticos talhados, nomeadamente um machado de mão.

No que diz respeito à metodologia de escavação, a sondagem do *locus* 4 fez-se através de níveis artificiais de 10 cm, sobretudo nas unidades estratigráficas superiores, uma vez que eram estas as que continham o material arqueológico. A partir dos 50/ 60 cm de profundidade, e constatando-se o carácter estéril do depósito, os trabalhos foram realizados com recurso a ferramentas pesadas (pá, picareta e enxada).

A posição dos artefactos foi registada através de coordenadas cartesianas – segundo os eixos de X, Y e Z, aferindo-se X no sentido E-W, Y no sentido S-N e Z relativamente ao ponto zero da escavação. Para outros registos recorreu-se ao desenho, à fotografia e ao caderno de campo.

2.6. Resultados

No *locus* 1, a área escavada em 2017 revelou ter sido alvo de profundas perturbações, que afectaram a estratigrafia original do local. De acordo com informações obtidas junto de trabalhadores rurais, na área intervencionada correu uma linha de água sazonal que, a dado momento, foi canalizada através da abertura de uma vala no saibro. Durante a escavação esta vala foi identificada (Figs. 21 e 22), bem como foi detectado um “pacote sedimentar” constituído por areia, silte, seixos rolados de quartzito, material lítico talhado, blocos de granito e um ou outro fragmento de cerâmica histórica, que não só cobria grande parte da área da escavação, como também preenchia a vala (Fig. 23). Ao que tudo indica, este material sedimentar relaciona-se com a referida linha de água, documentando igualmente a elevada antropização da área, muito provavelmente decorrente de séculos de trabalhos agrícolas.



Figura 21 – Área escavada em 2016 (sondagem 4, à esquerda da árvore) e vala para drenagem da linha de água, visível na área escavada em 2017.

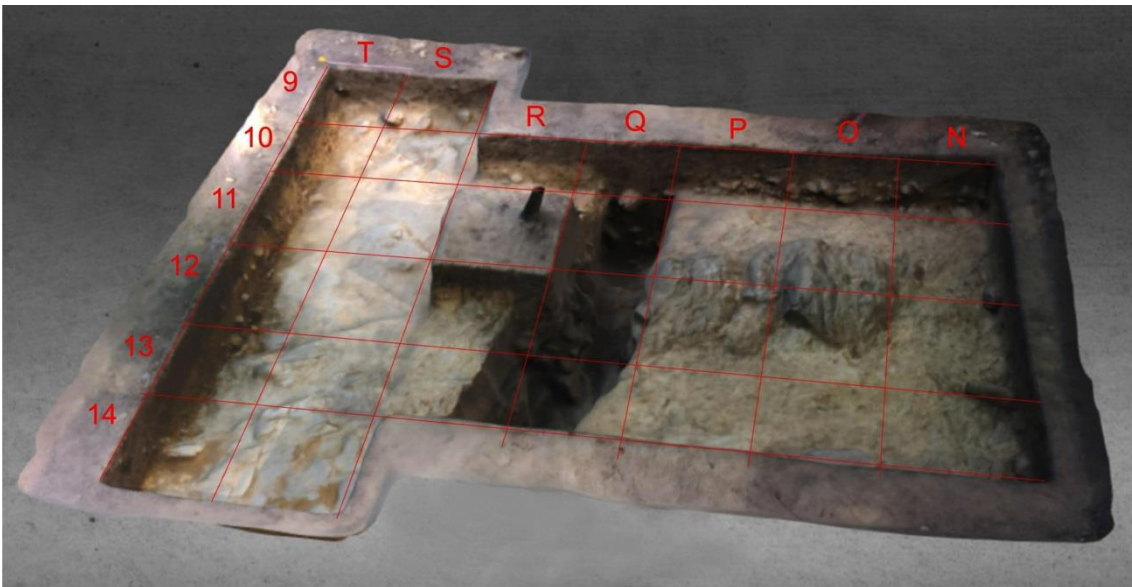


Figura 22 – Levantamento fotogramétrico da área escavada em 2017. Observe-se a vala aberta no saibro.



Figura 23 – “Pocote” sedimentar relacionado com a linha de água, que cobre a área escavada em 2017.

Não obstante a perturbação estratigráfica mencionada, os trabalhos realizados permitiram identificar *in situ*, ainda que com conservação vestigial, o depósito fluvial detectado na sondagem 4 em 2016. Este depósito, com o qual se relaciona o material lítico talhado sem vestígios de rolamento, ou apenas tenuamente rolado, conservou-se em pequenas depressões do substrato granítico (Figs. 24 e 25).



Figura 24 – Depósito fluvial conservado numa zona ligeiramente deprimida do substrato granítico (sob a seta que indica o N). O material talhado *in situ* associa-se a este depósito.



Figura 25 – Pormenor do depósito fluvial vestigial que assenta do substrato granítico.

No *locus 4*, como se referiu, escavaram-se apenas 6 m², tendo-se recolhido material lítico talhado com alguma abundância apenas nos 40 cm superficiais do depósito – depósito que corresponde a um terraço fluvial, constituído essencialmente por areia e pequenos seixos rolados, bastante concrecionados.

Uma vez que o material lítico apresenta alguma eolização será necessário desenvolver os trabalhos neste *locus* por forma a compreender-se melhor este contexto arqueológico.

Como também se referiu anteriormente, este depósito foi apenas escavado parcialmente, pelo que não se atingiu o substrato rochoso. De facto, a concreção ferruginosa tornou a escavação bastante difícil e, sobretudo, morosa. Assim, será fundamental contar com o apoio de meios mecânicos para concluir esta intervenção.

2.7. Estratigrafia

Locus 1

Como foi atrás referido, a linha de água existente no *locus 1*, a par da intensa antropização a que a área foi estando sujeita, decorrente nomeadamente de práticas relacionadas com o cultivo da vinha, contribuíram para a destruição quase total do depósito fluvial existente no local. Sem nunca ultrapassar os 30 a 35 cm de espessura, o depósito fluvial surgiu apenas sob a forma de pequenas manchas descontínuas, dispersas pela área intervencionada. Por esta razão, não se conseguiu definir um perfil onde fosse possível visualizar a sequência estratigráfica completa. A sua representação final resultou, deste modo, da observação da relação estratigráfica entre as diferentes “camadas” no plano da escavação. Trata-se, portanto, de uma representação esquemática, que reúne informação de distintas quadrículas (Fig. 26).

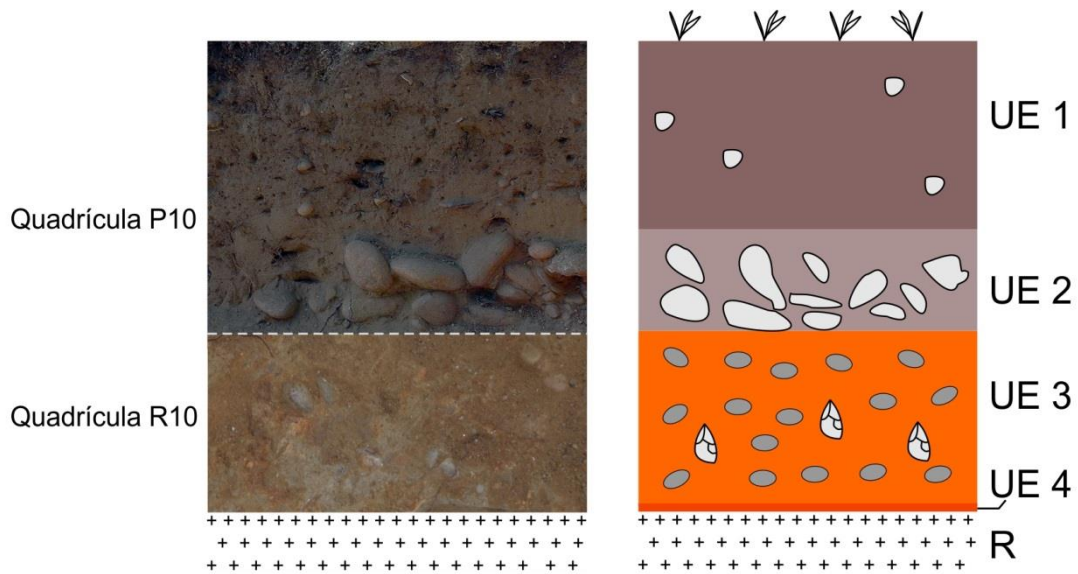


Figura 26 – Representação esquemática da sequência estratigráfica do locus 1.

UE 1 – Depósito com matriz silto-arenosa de cor bege, pouco compactada, que embala pequenos seixos rolados de quartzito, dispersos, bem como pequenos fragmentos angulosos de granito. Apresenta variações laterais em que predomina o silte. Forneceu um número muito reduzido de materiais líticos talhados.

UE 2 – Depósito com matriz areno-siltosa de cor castanha clara a bege, pouco compactada, que embala seixos rolados de quartzito e blocos angulosos de granito heterométricos, que podem ultrapassar os 15 cm. Em grande parte da área escavada, esta UE assenta na UE 4 ou no substrato granítico. Forneceu um número considerável de artefactos líticos, ao que tudo indica, remobilizados de depósitos fluviais mais antigos, localizados na área dos loci 2 e 3 (i.e. a sul da área intervencionada).

As UEs 1 e 2 poderão relacionar-se com a linha de água sazonal que existia no local. O contacto entre a UE 2 e a UE 3 mostra evidente descontinuidade sedimentar.

UE 3 – Depósito com matriz arenosa fina, muito compacto, concrecionado, de cor alaranjada, que embala pequenos seixos rolados de quartzito, bem imbricados, com vestígios de precipitação de ferro (manchas castanhas-avermelhadas) na superfície cortical. Este depósito embala também os materiais de pedra lascada sem rolamento ou muito pouco rolados, considerados *in situ*. De origem fluvial, a UE 3 tende a

conservar-se apenas nas zonas deprimidas do *bedrock*, pelo que se pode considerar um depósito relíquia, pelo menos no contexto do *locus* 1 (Figs. 24 e 25).

UE 4 – Depósito fluvial lenticular constituído exclusivamente por areia fina, muito concrecionada, de cor avermelhada. Tal como a UE 3, conserva-se apenas nas depressões do *bedrock*.

As características das UEs 3 e 4 sugerem processos de sedimentação de baixa energia, relacionando-se possivelmente com cheias do rio Minho, numa fase em que este já estaria a uma cota inferior à do substrato granítico do local da jazida, não tendo todavia atingido ainda o nível do leito actual.

Substrato granítico – Trata-se de granito porfiróide muito apodrecido, localmente atravessado por um filão de quartzo. Na área menos alterada da rocha são visíveis superfícies boleadas e pequenos canais que atestam erosão fluvial antiga. A sua cota relativamente ao leito actual do rio Minho é de +20 metros.

***Locus* 4**

Como mencionado no ponto anterior, o *locus* 4 foi intervencionado apenas parcialmente. Deste modo, deixa-se para o próximo relatório a descrição detalhada da estratigrafia do local.

Em termos genéricos, trata-se de um depósito com uma espessura superior a 1,60 m, constituído essencialmente por areia e pequenos seixos rolados de quartzito, bastante concrecionado pela precipitação de óxido de Fe (Fig. 27). Na parte superior do depósito, i.e. nos primeiros c. 40 cm – onde se concentra o material arqueológico – abundam os seixos rolados, bem imbricados, suportados pela matriz arenosa fina; abaixo dos 40 cm surge apenas areia fina amarelada.



Figura 27 – Nível superficial do depósito arenoso do *locus* 4 onde surgem os materiais líticos talhados. Observe-se o aspeto concrecionado.

2.8. Indústria lítica

No *locus* 1 foram recolhidos até ao momento mais de 600 artefactos líticos talhados em quartzito, rocha que abunda localmente sobre a forma de seixos rolados. Muito embora a sua esmagadora maioria se relacione com o depósito fluvial identificado localmente, ocorrem também artefactos que terão sido remobilizados de outros contextos sedimentares mais antigos e mesmo mais recentes (Fig. 28). Tais artefactos surgem exclusivamente na vala aberta no saibro e nos depósitos mais superficiais.

A indústria lítica associada ao depósito fluvial é composta por núcleos, lascas, utensílios sobre lasca, escassos seixos talhados e escassos bifaces de reduzidas dimensões (muito inferiores comparativamente às dos bifaces identificados nos *loci* 2 e 3). Em função da quase total ausência de vestígios de rolamento nas peças, este conjunto lítico estará muito próximo da sua posição primária.

Numa primeira apreciação, os artefactos líticos exumados no *locus* 1 poderão enquadrar-se, genericamente, nas indústrias de transição entre o Paleolítico inferior e

o Paleolítico médio. Tal consideração necessita, obviamente, de confirmação futura, que passará também pela datação do depósito fluvial por OSL.



Figura 28 – Artefactos exumados no *locus* 1. Em cima: pequenos bifaces associados ao depósito fluvial do local. Em baixo: artefactos remobilizados de outros depósitos, quer mais antigos (biface e seixo talhado), quer mais recentes (núcleo em sílex com vestígios de tratamento térmico).

Em relação ao *locus* 4, não foi ainda possível realizar o inventário do material exumado (terão sido recolhidas mais de 150 peças).

No que toca à sua caracterização cronológico-cultural, apenas pode destacar-se a presença de um machado de mão e de um biface, que, à partida, remetem para o complexo Acheulense do Paleolítico Inferior.

Os Arqueólogos responsáveis:

João Pedro Cunha Ribeiro – Universidade de Lisboa

Sérgio Monteiro Rodrigues – Universidade do Porto

Eduardo Méndez-Quintas – CENIEH, Burgos

José Meireles Batista – Universidade do Minho

Alberto Gomes – Universidade do Porto

Manuel Santonja – CENIEH, Burgos

Alfredo Pérez-González – CENIEH, Burgos